



A máquina do tempo e a carta do viajante patagônico

Lucas Lima da Silva¹

Resumo

O ensaio articula fotografia e território a partir da ideia da câmera fotográfica como uma máquina do tempo capaz de acessar o passado por meio da experiência sensível. Partindo da câmera analógica como ligação afetiva, a fotografia é apresentada como uma prática reflexiva de exercício de memória e viagem no tempo. As imagens produzidas durante a viagem para Patagônia funcionam como fissuras temporais que ativam uma experiência sinestésica. Aludindo e dialogando com o texto *Carta del viajero*, de Julio Cortázar, o texto se concentra na Patagônia argentina como território mágico e resistente à descrição totalizante pela palavra. Ao mesmo tempo, problematiza a inserção da região nas dinâmicas do capitalismo extrativista, da privatização de terras e dos conflitos com povos originários, especialmente os Mapuches. A fotografia emerge, assim, como ferramenta de memória e cuidado dos territórios latino-americanos.

Palavras-chave: Fotografia analógica, Memória, Territórios, Patagônia

La máquina del tiempo y la carta del viajero patagónico

Resumen

El ensayo articula fotografía y territorio a partir de la idea de la cámara fotográfica como una máquina del tiempo capaz de acceder al pasado a través de la experiencia sensible. Desde la cámara analógica como vínculo afectivo, la fotografía se presenta como una práctica reflexiva de ejercicio de la memoria y de viaje en el tiempo. Las imágenes producidas durante el viaje a la Patagonia funcionan como fisuras temporales que activan una experiencia sinestésica. En diálogo con *Carta del viajero*, de Julio Cortázar, el texto se centra en la Patagonia argentina como un territorio mágico y resistente a la descripción totalizante por medio de la palabra. Al mismo tiempo, problematiza la inserción de la región en las dinámicas del capitalismo extractivista, la privatización de la tierra y los conflictos con los pueblos originarios, especialmente el pueblo Mapuche. La fotografía emerge así como una herramienta de memoria y cuidado de los territorios latinoamericanos.

Palabras-clave: Fotografía analógica, Memoria, Territorios, Patagonia

¹ Bacharel em Relações Internacionais (2023) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: limalucasbr@gmail.com:

The Time Machine and the Patagonian Traveler's Letter

Abstract

The essay articulates photography and territory through the idea of the photographic camera as a time machine capable of accessing the past through sensory experience. Taking the analog camera as an affective bond, photography is presented as a reflective practice of memory exercise and time travel. The images produced during the journey to Patagonia function as temporal fissures that activate a synesthetic experience. In dialogue with Julio Cortázar's *Carta del viajero*, the text focuses on Argentine Patagonia as a magical territory that resists totalizing description through words. At the same time, it problematizes the region's insertion into the dynamics of extractivist capitalism, land privatization, and conflicts with Indigenous peoples, particularly the Mapuche. Photography thus emerges as a tool for memory and care of Latin American territories.

Keywords: Analog photography, Memory, Territories, Patagonia

Escutei ou li há muito tempo, já nem sei dizer por quem ou onde, que a máquina fotográfica é a primeira máquina do tempo inventada. Desafiando as teorias mais modernas da física, que afirmam que só é possível viajar rumo ao futuro, a invenção da fotografia só nos permite voltar ao passado. Não voltar fisicamente de fato, mas nos transportar por meio de sentimento e memória.

Há mais de 30 anos, meu pai comprou uma máquina fotográfica analógica da marca japonesa Minolta, modelo Maxxum 2xi, em uma viagem ao exterior. Ela funcionou por alguns bons anos até quebrar, não sei ao certo se por ação humana ou eventualidade do destino, e acabou guardada sem uso ou atenção por pelo menos uma década.

Em 2017, como presente de aniversário de maioridade, ele me prometeu a tal câmera, que eu nunca tinha visto, só ouvido falar. Se manteve como promessa por um tempo, porque a câmera só foi consertada um ano depois, por um grande amigo de longa data que conseguiu resolver o que nem as melhores lojas técnicas foram capazes de fazer.

Com a câmera em mãos, nunca entendendo muito bem sobre conceitos de velocidade do obturador e abertura de diafragma, peguei meu primeiro rolo analógico e capturei as minhas primeiras lembranças com ela. Sem entrar em uma apologia ludista contra a tecnologia dos celulares e a facilidade de fotografar atual, mas fotografar com um limite claro de fotos por rolo e um custo econômico envolvido para ver seus resultados faz você se perguntar: o que eu quero registrar, ou melhor, o que eu quero lembrar?

O passar dos anos e o fenômeno da pandemia de COVID-19 fizeram com que o tempo e as lembranças se distorcessem para muitos de nós, sem saber se foram muitos anos que passaram rapidamente ou um único ano que parecia não terminar. Entre incertezas e encruzilhadas, encontrei meu refúgio nas várias fotos em que registrei pessoas, animais,

paisagens, encontros durante minhas viagens pelo Brasil e pela América Latina. Hoje vejo elas quase como fendas que me permitem acessar cheiros, gostos, texturas e emoções em uma sinestesia peculiar. Minha máquina do tempo particular.

Entre essas viagens, uma teve como destino a Patagônia, esse território que se espalha por mais de um milhão de quilômetros quadrados entre Chile e Argentina entre desertos e estepes, bosques e grandes lagos glaciais. Para além do campo físico, ocupa um lugar no meu imaginário mágico como uma parte única de natureza no mundo, resistente à ser domada e completamente ocupada. Nas minhas férias de inverno de 2023, cruzando a metade sul da *Ruta 40* argentina com minha prima - que considero irmã de coração -, me encontrei em um cenário tão novo e inexplicável pela sua magnitude que nunca pensei em colocar palavras para descrevê-lo.

Uma limitação parecida com a de Julio Cortázar em sua *Carta del viajero*, em que o autor descreve a impossibilidade de enviar um informe de viagem sobre esse lugar não usual, em que “*el mero estar en él envuelve una incierta certidumbre*”² (Cortázar, 1984, p. 137). Tomando emprestadas suas palavras, não é interrogando a cordilheira dos Andes, como uma permanência no horizonte patagônico, que se permite traçar seus meridianos e altitudes, apesar de sua constância no cruzar de cidades e paragens até a Terra do Fogo. Descrever suas pradarias e pampas, longas extensões com cavalos, guanacos e vicuñas que habitam esse cenário suspenso no tempo, é um esforço de “*imaginar un país que parece regirse por perfumes, murmullos, tactos y colores.*”³ (ibid., p. 137-138).

Contudo, assim como outros espaços mágicos de *Nuestra América* que não cabem na descrição de meras palavras, os perfumes, murmúrios, toques e cores da Patagônia têm sido reduzidos dia após dia. A dualidade contraditória do território que Cortázar descreve em sua *Carta*, esse espaço que “*siente la arena mientras resbala interminable en el cristal del reloj, midiendo las horas de un tiempo que es siempre un final y un comienzo, una lejanía y una contigüidad*”⁴ (ibid., p. 138), também pode ser dita de uma Patagônia que passa pelo processo de exploração capitalista, intensificado nos últimos anos.

Esse território, que abriga reservas de recursos naturais estratégicos, como lítio, petróleo, gás e água doce, é ponto focal de grandes empresas transnacionais como espaço de valorização do capital estrangeiro. O atual governo argentino de Javier Milei tem estimulado a compra de

² “o mero estar nele envolve uma incerta certeza” (tradução livre).

³ “imaginar um país que parece ser governado por perfumes, sussurros, toques e cores.”(tradução livre).

⁴ “sente a areia enquanto ela escorre incessantemente pelo mostrador do relógio, medindo as horas de um tempo que é sempre um fim e um começo, uma distância e uma contigüidade.” (tradução livre).

terras na região por milionários estrangeiros através de um novo Regime de Incentivos para Grandes Investimentos, oferecendo benefícios fiscais diversos para novos empreendimentos e projetos extrativistas (Carlsen, 2025).

Algumas províncias argentinas já contam com mais de 10% do seu território em mãos de estrangeiros, como Salta e Corrientes. Um exemplo do processo de privatização da Patagônia é Lago Escondido, a propriedade do bilionário britânico Joe Lewis, com 14 mil hectares de extensão isolados do acesso público, contando com o dito lago completamente separado da população argentina local (Paixão, 2022). Além da fronteira de extrativismo, há o interesse em tornar a região um *playground* para os super-ricos, um refúgio enquanto o resto do planeta arde e seca.

A luta histórica dos povos originários, principalmente Mapuches⁵, segue como ponta de lança para denunciar o avanço da internacionalização da Patagônia e sua privatização. Acusados pelo governo argentino de serem responsáveis pelas queimadas nos últimos anos, os Mapuches têm enfrentado perseguições e expulsões de seus territórios em uma ação orquestrada das forças de repressão argentinas para “limpar” essas zonas de valorização em potencial (Carlsen, 2025).

Seria realmente mágico se nossos territórios fossem como o país inexplicável de Cortázar, “(...) *fuera del tiempo porque el país, escúchalo bien, no tiene tiempo, es un presente que superpone sus valles, sus lagos y sus bosques como un niño superpone una y otra vez el mismo juego, el mismo ritual, el mismo cuento*”⁶ (Cortázar, 1984, p. 138). Porém, a Patagônia está dentro do tempo e das legalidades do capitalismo dependente latino-americano e tem visto sua magnitude reduzida aos objetivos da irracionalidade econômica e dos projetos extrativistas estatais e privatistas.

O poder do exemplo é forte e ameaçador às estruturas de opressão e exploração. Os povos originários e as organizações da sociedade civil têm atuado para manter o horizonte de expectativas da nossa natureza e das nossas sociedades conectadas, com muita luta e disputa política. A perpetuação das belezas que nos fazem perder as palavras ao admirá-las é feita com compromisso, com povos comprometidos com a vida, não apenas humana.

Assim como eu encontro nessas fotos inspiração e conforto, rememorando um lugar de descoberta física, de um vento implacável e de um frio que desperta, de encontro emocional e

⁵ O povo Mapuche é um dos principais povos indígenas do sul da América do Sul, com forte história de resistência ao processo de ocupação colonial e aos atuais processos de exploração capitalistas. Atualmente vivem nas regiões do sul do Chile e sudoeste da Argentina.

⁶ “fora do tempo, porque o país, ouça com atenção, não tem tempo; é um presente que se sobrepõe aos seus vales, aos seus lagos e às suas florestas como uma criança que repete o mesmo jogo, o mesmo ritual, a mesma história inúmeras vezes.” (tradução livre).

familiar com quem me acompanhava nessa jornada, com a comida e os temperos únicos, a geléia de rosa mosqueta e o chá de calafate, que elas estimulem outras pessoas na curiosidade de desbravar nosso próprio país e nossa vizinhança sul-americana. Vislumbrar as riquezas infinitas de nossa natureza e de nossos povos, com curiosidade para conhecer e amar nossas histórias latino-americanas e, assim, protegê-las e reivindicá-las.

Referências

CARLSEN, Laura. Milei's Fire Sale of the Patagonia and the Mapuche people's fight for life. **MIRA: Feminisms & Democracies**, 4 abr. 2025. Disponível em: <<https://www.americas.org/mileis-fire-sale-of-the-patagonia-and-the-mapuche-peoples-fight-for-life/>>. Acesso em: 12 dez. 2025.

CORTÁZAR, Julio. **Territorios**. 3ª ed., Ciudad de México: Siglo XXI Editores, 1984. 140 p.

PAIXÃO, Fernanda. Como a propriedade privada de terras de estrangeiros afeta a soberania Argentina. **Brasil de Fato**, 26 fev. 2022. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2022/02/26/como-a-propriedade-privada-de-terras-de-estrangeiros-afeta-a-soberania-argentina/>>. Acesso em: 12 dez. 2025.



Algum lugar da Ruta 40 entre Bariloche e El Calafate. Patagônia argentina, agosto de 2023.



Centro Cívico de San Carlos de Bariloche com a estátua de Julio Roca, político e presidente argentino, manchada por tinta vermelha durante protestos denunciando a violência contra as mulheres. San Carlos de Bariloche, Argentina, agosto de 2023.



Guarda florestal com o glaciár Perito Moreno ao fundo no Parque Nacional Los Glaciares. El Calafate, Província de Santa Cruz, Argentina, agosto de 2023.



Casal no trapiche ao lago Nahuel Huapi. Villa La Angostura, Argentina, agosto de 2023.



Guanaco visto de longe nas montanhas. El Chaltén, Argentina, agosto de 2023.



El Chaltén, Argentina, agosto de 2023.



Trem do Fim do Mundo, antigamente utilizado para levar prisioneiros para extrair lenha no atual Parque Nacional da Terra do Fogo. Ushuaia, Argentina, agosto de 2023.



Cavalos do fim do mundo no Parque Nacional da Terra do Fogo. Ushuaia, Argentina, agosto de 2023.



Andorinha na orla do fim do mundo. Ushuaia, Argentina, agosto de 2023.



Farol Les Écleurs, ponto argentino mais próximo da Antártica. Ushuaia, Argentina, agosto de 2023.



Minha irmã de coração admirando a orla do fim do mundo. Ushuaia, Argentina, agosto de 2023.